

Editorial

Porquê a criação desta revista? Apesar de fazermos parte de uma comunidade científica recente, pouco internacionalizada, e com um ainda reduzido nível de “massa crítica”, confrontamo-nos com o facto de uma parte substancial da investigação produzida permanecer sob a forma de literatura “cinzenta” ou com uma difusão restrita a núcleos de investigadores mais próximos da respectiva temática. O primeiro objectivo da criação desta revista aponta para a necessidade de conferir maior visibilidade à produção científica da UI&DCE, através de uma primeira linha de publicação e difusão que permita um diálogo entre investigadores, interno e externo à Unidade. O facto de termos optado por uma edição bilingue (versão portuguesa e versão inglesa) inscreve-se numa orientação estratégica de internacionalização da nossa actividade de investigação, ajudando a fomentar intercâmbios que viabilizem, sustentem e tornem visíveis redes e projectos que ultrapassem o âmbito interno da UI&DCE e as fronteiras nacionais. Esta primeira linha de publicação, em versão electrónica, alimentará outras iniciativas editoriais em curso (uma Coleção de Ciências da Educação e uma Coleção de Cadernos). A importância decisiva que atribuímos ao incentivo à publicação corresponde a uma ideia da investigação, entendida como actividade produtora de um conhecimento, através de um método permanentemente sujeito ao crivo da crítica inter pares, e transformado num saber comunicável.

Esta revista assume-se claramente como uma publicação na área das ciências da educação,

sem que isso signifique uma menor consciência da hibrididade e das fragilidades epistemológicas próprias deste campo. Entendem-se as Ciências da Educação como parte de um campo mais vasto, o das ciências sociais e humanas, cujas fronteiras são o resultado de factores históricos e sociais, externos e internos ao campo social das práticas de investigação. Trabalharemos na difícil tensão entre a unidade do social e a diversidade das suas abordagens científicas, recusando, quer a redução das ciências da educação a uma extensão à educação de áreas disciplinares que lhe preexistem, quer a pretensão de, através da definição impossível de *um* método e de *um* objecto próprios, demarcar fronteiras e identidades que se constituem como obstáculos ao conhecimento. Este posicionamento sobre as ciências da educação significa, também, uma demarcação clara do campo da pedagogia, expressão de um saber profissional com uma inevitável componente prescritiva.

O título escolhido para a revista também justifica uma explicação breve. A pessoa humana constitui o único ser existente no universo que busca permanentemente conhecê-lo, o que é inerente à sua sobrevivência e à afirmação da sua especificidade humana. Como ser curioso, está condenado a aprender e a interrogar-se. É um trabalho permanente e inacabado que implica colocar em causa os resultados e recomeçar, sempre. A produção de conhecimento assume formas diversas, nas quais se inclui o saber científico. Este distingue-se pelo seu carácter sistemático,

pela utilização consciente e explicitada de um método, objecto permanente de uma meta análise, individual e colectiva. O trabalho científico consiste numa busca permanente da verdade, através de um conhecimento sempre provisório e conjectural, empiricamente refutável. O reconhecimento da necessidade deste permanente recomeço é ilustrado historicamente quer pela redescoberta de teorias negligenciadas no seu tempo e recuperadas mais tarde (caso da teoria heliocêntrica de Aristarco), quer pela redescoberta de visionários que anteciparam os nossos problemas de hoje (Ivan Illich é um desses exemplos). É a partir destas características do trabalho científico que é possível comparar a aventura humana do conhecimento à condenação pelos deuses a que foi sujeito Sísifo de, incessantemente recomeçar a mesma tarefa. No caso da ciência é preciso que ela tenha uma pertinência e um sentido para quem a faz.

A pertinência social dos resultados do trabalho científico supõe: que o primado da teoria seja complementado por um confronto e um vaivém

contínuos com o nível empírico (cada número da revista organiza-se em torno de um dossier temático em que a dimensão empírica da investigação será um aspecto relevante); que a abordagem especializada de um tema se inscreva (em vez de ignorar) nos grandes problemas com que estamos confrontados (tentaremos articular a investigação especializada com a referência a problemas globais que previnam a esterilidade de uma fragmentação do saber); a comunicação clara de ideias complexas que é o oposto da formulação de banalidades numa linguagem deliberadamente confusa e opaca (procuraremos incentivar o cultivo da clareza, da simplicidade e do rigor).

Julgamos que só nestas condições poderemos imaginar o investigador, como aliás o sugeriu Albert Camus, menos como um “herói absurdo” e mais como um “Sísifo feliz”.

RUI CANÁRIO
JORGE RAMOS DO Ó